

08-03-2022

BBB, NEM BREGA, NEM VULGAR. SEXY.

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Play no BBB. A corrida maluca, que não sai do lugar, começou. Se o ano, aqui no Brasil, só começa depois do carnaval, há vinte anos que o ano só termina depois que começa o Big Brother. O BBB coloca o Brasil nos trilhos, acomoda-o no sofá. Divertimo-nos com a fofoca que tanto repugnamos. E rapidamente a novela da vida real torna-se fermento para unir a massa. O zunzum legalizado é a força sincrética que envolve o show da realidade e os espectadores. Gostamos das polêmicas McDonalds que, por sua vez, são a dimensão política e pública do que seria da escala do privado doméstico. Publicidade aqui, propaganda acolá. Elimine alguém e beba Coca. Seja líder do seu mundo com um Fiat. Tenha músculos com Ifood. Ame-o ou deixe-o. A casa mais vigiada do Brasil é alugada pelo Quinto Andar. Hoje é dia de votação, pausa para o batom da Avon. Sorria. Chore. Faça amor debaixo do cobertor, mas tenha prudência lubrificada e ultrasensível. O prêmio que os jogadores buscam é a possibilidade de engordar suas redes sociais. Os brothers pobres ou ricos, famosos ou anônimos, possuem assessorias virtuais que treinam sua imagem para ficar bem bombada. *No pain. No gain.* Tenha seguidores, essa é a teologia da prosperidade virtual. Engajamento atrai ovelhinhas que por hora financiam publicidades. Se Cristo voltasse caminharia sobre as águas com um Nike Air. E Maomé subiria a montanha de Adidas.

Quem Mexeu no Meu Queijo? é o livro sagrado dos arquitetos do universo da casa de espelho.

Ratoeiras, alucinação e síndromes de perseguição.

Eu quero ser famoso. Ele disse a frase indizível. Eliminado. Quando perguntarem o que procura no jogo, afofe um discurso de coach, aqueles com maquiagem de autoajuda.

Estou procurando meu eu interior e ser uma pessoa melhor.

Ratinhos desesperados procuram o queijo, o engenheiro da confusão está sedento por ofensas. Fale a verdade, mas não toda, pois, a mentira tem seu charme. Dê sua opinião.

Diga que ninguém é digno de confiança.

Não acredite nos seus amigos, eles te traem. Dissimule.

Finja que leu o *script* da ética tomando café com sua nova amiga. Pegue a xícara, levante o dedo minguinho e escarneie o outro jogador. Sem etiqueta, devasse em sussurros a intimidade alheia. Convença que seu sorriso é neutro, esconda a baba espumante e raivosa na branquidão dos seus dentes. Os caminhos para o prêmio têm alguns códigos cartográficos: seja engraçado, tenha uma história de vida comovente, crie, no programa, uma história superação. O vencedor é um meritocrata nato, usa a resiliência até na geleia de morango. Quando voltar do paredão, ajoelhe, levante as mãos e grite: Obrigado senhor! Pela minha família, eu voto sim. É importante levar a palavra de Deus, mas não seja muito religioso. Isso é chato. Nem o padre Fábio de Melo te dará muito moral.

Apresente-se como sensato, não o racional frio.

Articule, faça jogadas, mas coloque tudo na conta de uma mão invisível no mercado do jogo. O mais importante: não seja preconceituoso. Os reações gostam de teatro progressista. Em 2000, quando começou a saga da casa mais vigiada do Brasil foi o mesmo período que entrei na Universidade. Naquela época era inconcebível um pretense intelectual tecer qualquer comentário elogioso ao BBB. Não poderia dizer em público que o assistia, muito menos citá-lo como experimento cultural. Era apenas uma febre da cultura de massa, os adeptos a Escola de Frankfurt gritavam. A esquerda rechaçava a alienação de massa.

Leia um livro, faça a revolução e não caia no conto do vigário da fama. O tempo passa, o tempo voa e poupança Bamerindus continua numa boa. 22 anos depois, o BBB é cult, é pop art com dimensões antropológicas. A semântica da fofoca foi substituída por outros termos linguísticos como: lacração, mimimi, questões de gênero e pauta identitária. Os intelectuais da internet citam a casa, entre memes e posts, como exemplo social e até referência bibliográfica. Os olhares ortodoxos da crítica marxista foram relativizados pelas teorias culturais pós-modernas. Pasmem, até marxista ortodoxo tem seu brother predileto para chamar de seu. Ligar a telinha na Globo, agora, não é brega e nem vulgar. É sexy. Nos sopros contemporâneos, a esquerda perde a vergonha de assistir o BBB na proporção que a direita assume o seu racismo. Só tenho uma dúvida parcelada em 12 vezes no Mastercard: a Universidade está mais próxima das discussões reais ou é falta de sustância literária por parte dos seus novos sujeitos?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.